

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo 2



Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo 2

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo



Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Literatura e a reflexão sobre os processos de simbolização do mundo 2

Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L776 Literatura e a reflexão sobre os processos de simbolização do mundo 2 / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

156 p., il.

ISBN 978-65-5983-757-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.571211712>

1. Literatura. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema. II. Título.

CDD 801

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O livro *Literatura e a Reflexão sobre Processos de Simbolização do Mundo 2* apresenta, em seus quinze capítulos, trabalhos muitíssimo interessantes no que tange aos processos de simbolização do mundo por meio da literatura. Sendo sua função a transcendência da experiência do leitor a partir do texto lido, os trabalhos que compõem a coletânea são assertivos na averiguação literária sob diferentes vieses metodológicos possíveis nos estudos literários.








Desse modo, há estudos que possuem como *corpus* desde escritores consagrados como Gregório de Matos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Julio Cortázar até menos conhecidos, como Sór Juana Inés de la Cruz, Antonio Muñoz Molina, Edouard Glissant, José Luandino Vieira, Enrique Buenaventura e Sindo Guimarães. Assim, há um rico leque de possibilidades de investigações literárias nesses textos, que cumprem seu papel no que tange à qualidade de verificação de seus objetivos de pesquisa nos textos literários.








Além de estudos cujo *corpus* é uma seleção perspicaz da obra dos autores mencionados, temos trabalhos sobre letramento, papel da literatura no desenvolvimento infantil, literatura digital e ensino de literatura em contexto pandêmico na rede pública de escolas, além de artigos que, utilizando alguns dos autores supracitados, tematizam o (de) colonialismo e a literatura comparada.

Portanto, o livro busca corroborar na produção científica na área dos estudos literários, tão desmerecida – dentre as demais ciências humanas – no imaginário brasileiro enquanto conhecimento científico hoje. Assim, desde leigos na literatura até graduandos, graduados, pós-graduandos e pós-graduados podem desfrutar dos trabalhos que compõem os capítulos desse livro, que não deixa de ser um grito de resistência em meio à desvalorização da ciência produzida no campo dos estudos literários.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
HISTÓRIAS DE VIDA NOS LIVROS INFANTIS: SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DA POSTURA CRÍTICA-REFLEXIVA DAS CRIANÇAS AFETANDO SEU DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, SOCIAL E AFETIVO	
Walter Duarte Monteiro Neto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117121	
CAPÍTULO 2	5
A LÍNGUA MATERNA E A LINGUAGEM MATEMÁTICA: DA EUROPA AO BRASIL, DIÁLOGOS PERENES	
Paulo Roberto Trales Simone Maria Bacellar Moreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117122	
CAPÍTULO 3	14
PENSANDO AS RELAÇÕES AMBIENTAIS A PARTIR DO CONTO “O JORNAL E SUAS METAMORFOSES”, DE JULIO CORTÁZAR	
Luca Ramos Dias Lucas Leal Teixeira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117123	
CAPÍTULO 4	28
O ENSINO DE LITERATURA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS	
Glauco Soares Joaquim Andréa Portolomeos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117124	
CAPÍTULO 5	44
NOTAS SOBRE A LITERATURA DIGITAL	
Angeli Rose do Nascimento	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117125	
CAPÍTULO 6	68
IMAGINÁRIO E HISTÓRIA EM <i>MONSIEUR TOUSSAINT</i> , DE ÉDOUARD GLISSANT	
Maria Helena Valentim Duca Oyama	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117126	
CAPÍTULO 7	75
ESPAÇOS E IMAGINÁRIOS: A FORÇA POÉTICA DAS ÁGUAS NA PRODUÇÃO ROMANESCA DE CARLOS BARBOSA	
Joseilton Ribeiro do Bonfim	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117127	

CAPÍTULO 8	88
MEMÓRIA ORAL TRANSPOSTA À ESCRITA LITERÁRIA: <i>SEFARAD</i> DE ANTONIO MUÑOZ MOLINA	
Ana Paula de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117128	
CAPÍTULO 9	100
A ORALIDADE NA POÉTICA DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA	
Maria Cristina Chaves de Carvalho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117129	
CAPÍTULO 10	107
A MEMÓRIA DA VIDA E DA CIDADE DE SEABRA NA POESIA, RUA DA PALHA, DE SINDO GUIMARÃES: UMA VISÃO INDIVIDUAL E COLETIVA	
Maiara de Souza Macedo	
Andréia Almeida Santos Pires	
Gisele Vieira de Souza	
Marta Aparecida Souza Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171210	
CAPÍTULO 11	121
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE POR MEIO DA INTERAÇÃO LINGUÍSTICA	
Crislaine da Silva Borges Rocha	
Ricardo da Silva Sobreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171211	
CAPÍTULO 12	128
ENRIQUE BUENAVENTURA E O “TOMAR POSIÇÃO” NA PEÇA <i>HISTORIA DE UNA BALA DE PLATA</i> : UMA NARRATIVA DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE	
Juliana Caetano da Cunha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171212	
CAPÍTULO 13	135
UM ESTUDO SOBRE LITERATURA COMPARADA: O QUE UNE E O QUE DIVERGE NA LITERATURA DE GREGÓRIO DE MATOS E SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ	
Laercio Fernandes dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171213	
CAPÍTULO 14	147
OS JOGOS COMO UM ‘AGÓN’	
Amós Coêlho da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171214	
CAPÍTULO 15	156
UM ESTUDO DO NARRADOR NAS ADAPTAÇÕES DE “O GUARANI” POR ANDRÉ	

LEBLANC E IVAN JAF/LUIZ GÊ

Juliana de Lima Lapera Batista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171215>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 170

ÍNDICE REMISSIVO..... 171

A ORALIDADE NA POÉTICA DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA

Data de aceite: 01/12/2021

Data de submissão: 18/11/2021

Maria Cristina Chaves de Carvalho

Instituto de Letras
Universidade Federal Fluminense – UFF
Niterói – Rio de Janeiro
<http://lattes.cnpq.br/1360587689610646>

RESUMO: Neste artigo, propomos uma reflexão acerca das narrativas do livro *A cidade e a infância* (1957), de José Luandino Vieira, considerando-se o contexto histórico angolano e destacando-se, sobretudo, a tradição oral, a importância da memória e o respeito à herança ancestral na cultura africana. A análise das narrativas do escritor proporciona elementos para uma abordagem sobre a imagem da África e dos africanos no mundo contemporâneo. No projeto literário do autor, posicionamentos políticos e conflitos sociais se apresentam como forma de denúncia e, ao mesmo tempo, de resistência ao colonialismo ou às consequências dele decorrentes, que resultaram em preconceitos e estigmas impostos aos angolanos e aos povos da África.

PALAVRAS-CHAVE: Literaturas Africanas; José Luandino Vieira; oralidade; memória; resistência.

ORALITY IN JOSÉ LUANDINO VIEIRA'S POETICS

ABSTRACT: In this article, we propose a

reflection on the narratives of the book *A cidade e a infância* (1957), by José Luandino Vieira, considering the Angolan historical context and highlighting, above all, the oral tradition, the importance of memory and respect for ancestral heritage in the African culture. The analysis of the writer's narratives provides elements for an approach on the image of Africa and the Africans in the contemporary world. In the author's literary project, political positions and social conflicts are presented as a way of complaint and, at the same time, of resistance to colonialism or its consequences, which resulted in prejudices and stigmas imposed on the Angolans and on the peoples of Africa.

KEYWORDS: African Literatures; José Luandino Vieira; orality; memory; resistance.

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África. (BÂ, 2010, p.167)

O antropólogo Amadou Hampaté Bâ, ao tratar da tradição oral, remete ao poder da palavra, especificamente, às mitologias dos povos antigos da África, em que a palavra é

considerada força vital, pois gera movimentos, ação e melodia. Em um tempo anterior à escrita desses povos, tudo era palavra: envoltas em sacralidade, as estórias orais se tornaram instrumentos dos mais velhos, que as transmitiam às gerações futuras. Neste sentido, este artigo propõe uma reflexão acerca das narrativas do escritor angolano José Luandino Vieira, destacando-se a tradição oral, a importância da memória e o respeito à herança ancestral na cultura africana. Em entrevista concedida à Folha de São Paulo, e indagado sobre qual seria o espaço da tradição oral em sua obra, o autor diz que:

É fulcral. Comecei a escrever também por ouvir contar muitas histórias nos serões, à porta das casas, na infância e na adolescência. Depois, na escola, em nossas brincadeiras era o intercâmbio de histórias. Tudo isso marcou o meu trabalho de escritor, em opções estilísticas, em formas de comunicar, obrigando-me a incorporar, consciente e inconscientemente, na linguagem literária, traços da oralidade. Creio que essa presença ficará sempre no que escrever. Narro mais do que escrevo. (VIEIRA, 2017)¹

Cabe acrescentar que, nas culturas de predomínio oral, destacam-se provérbios, adivinhas, lendas e estórias. Trata-se de diversos ensinamentos, cujas lições se transmitiam por intermédio de métodos mnemônicos, baseados em repetições e ritmos que pretendiam gravar as experiências subjetivas, partilhadas com toda a comunidade, de modo que a memória coletiva pudesse se perpetuar através das gerações seguintes.

Em sua poética, Luandino Vieira narra traços dessa oralidade, conferindo-lhe relevância, bem como vários estudiosos africanos têm demonstrado uma preocupação com a difusão dessa cultura, a exemplo de Joseph Ki-Zerbo, o qual afirma a importância de dar visibilidade à África, por ser o berço da humanidade e, portanto, ter uma história. Segundo o historiador:

Outra exigência imperativa é que *essa história seja enfim vista do interior*, a partir do pólo africano, e não medida permanentemente por padrões de valores estrangeiros; a consciência de si mesmo e o direito à diferença são pré-requisitos indispensáveis à constituição de uma personalidade coletiva autônoma. Certamente, a opção e a ótica de autoexame não consistem em abolir artificialmente as conexões históricas da África com os outros continentes do Velho e do Novo Mundo. Mas tais conexões serão analisadas em termos de intercâmbios recíprocos e de influências multilaterais, nas quais as contribuições positivas da África para o desenvolvimento da humanidade não deixarão de aparecer. (KI-ZERBO, 2010, p. 52).

Dessa forma, há de se ponderar que, entre rupturas e continuidades, oralidade e escrita, toda uma cultura pode ser reinventada, ou recuperada parcialmente, sobretudo, através da memória, considerando-se que as vozes africanas foram silenciadas desde o tempo do colonialismo. Logo, de um modo geral, as Literaturas Africanas vêm também contribuir com o processo de descolonização, em movimentos que buscam a conscientização, a construção e a afirmação da identidade africana. Desde o período de

1 FOLHA DE SÃO PAULO. "Luandino quebra seu silêncio". Entrevista a Eduardo Simões. São Paulo, 14 nov 2007. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1411200708.htm> > Acesso em 01.07.2017.

opressão colonial, os escritores africanos apresentaram seus próprios pontos-de-vista diante do contexto histórico nacional, e, ao longo da descolonização, vêm revelando a África como um continente em mudança para todo o mundo. De acordo com Ali A. Mazrui, o processo da descolonização, no século XX, é constituído por dramas e traumas que permeiam a história dos povos africanos, se tomado em seu conjunto, pois é configurado como um jogo de contradições:

Nós definimos a 'descolonização' como o processo pelo qual o regime colonial atinge seu fim, as instituições coloniais são desmanteladas e os valores, bem como as modalidades coloniais, são abandonados. Teoricamente, a iniciativa da descolonização pode ser tomada, seja pela potência imperialista, seja pelo povo colonizado. Na realidade, a verdadeira descolonização é geralmente imposta pela entrada dos oprimidos em luta. (MAZRUI, 2010, p. 7).

O escritor Albert Memmi analisa aspectos inerentes ao colonialismo de forma dialética e entende que, por um lado, o colonizador é um “exilado voluntário” em sua colônia porque vive em busca de meios para ascender socialmente na metrópole – por esse motivo, ele se enraíza em outro território, ou tarda a regressar à metrópole, passando a construir uma identidade ambivalente, dividida entre os valores colonialistas e a valorização da colônia –; por outro lado, o colonizado é submetido a humilhações causadas pelo poder do opressor, ainda que sinta também certo fascínio pela cultura do colonizador. Segundo o autor, o colonizado vive um drama provocado também pela interiorização de uma série de estigmas criados pelo discurso colonialista, como o de que todo colonizado é preguiçoso, medíocre ou desprezível. Indo ao encontro das ideias de Albert Memmi (1987), o antropólogo Kabengele Munanga (1988) analisa a estratégia do colonialismo, cuja intenção é desvalorizar e alienar o indivíduo, o negro africano, pois, conforme o discurso do colonizador:

A desvalorização e a alienação do negro estendem-se a tudo aquilo que toca a ele: o continente, os países, as instituições, o corpo, a mente, a língua, a música, a arte etc. Seu continente é quente demais, de clima viciado, malcheiroso, de geografia tão desesperada que o condena à pobreza e à eterna dependência. O ser negro é uma degeneração devida à temperatura excessivamente quente. O colonizado é assim remodelado em uma série de negações que, somadas, constituem um retrato-acusação, uma imagem mítica. (MUNANGA, 1988, p. 21).

No entanto, essa imagem criada pelo colonizador tem sido discutida e refutada por historiadores, antropólogos e por escritores africanos, dentre eles, Luandino Vieira, cuja obra oferece elementos para uma profunda reflexão acerca da imagem da África e dos africanos no mundo contemporâneo. José Luandino Vieira é o nome literário de José Vieira Mateus da Graça, nascido em Portugal em 04 de maio de 1936. Aos três anos partiu para Angola com os pais, onde fez seus estudos liceais em Luanda. Foi militante político do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), preso por mais de onze anos, nove deles no Tarrafal entre os anos de 1961 a 1973. Depois disso, com residência fixa em Lisboa, trabalhou em uma editora até regressar a Luanda em 1975, ano da independência

de Angola, tendo exercido vários cargos de direção tanto no MPLA quanto em instituições do governo. Luandino Vieira é poeta, ficcionista, pertencente à geração *Cultura (II)* e vencedor de diversos prêmios literários, entre eles, o Prêmio Camões em 2006. Neste sentido, interrogamos como a escritura de Luandino Vieira pôde resistir à ideologia ocidental, dominante, que parece permear o processo de descolonização em Angola?

O projeto literário de Luandino Vieira é constituído de um estreito diálogo entre a ficção e a história angolana. As questões ideológicas presentes em suas narrativas são parte de um processo de criação que se apresenta como um projeto político-literário, que consistia, sobretudo, no ideal de libertação, muito difundido à época por vários escritores africanos através da Literatura. Esses eram autores que já tinham conhecimento dos movimentos culturais revolucionários, além de articularem ideias em favor da valorização dos povos africanos do continente e da diáspora, o que implicava, de um modo geral, a consciência negra, a denúncia do sistema colonizador e das injustiças sociais. Luandino, mesmo no cárcere, jamais abandonou esse ideal, lutando pela libertação e pela construção de uma sociedade nova através de sua escrita. No livro intitulado *Papéis da Prisão: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*, o autor relata, conforme RIBEIRO & VECCHI, que:

O projeto político que a escrita da prisão aprofunda é ser Angola, Angola independente e livre, plena de outras vozes, manifestas nas cartas, nos contatos, nas solidariedades, nos gritos da tortura que conectam a voz e o corpo e geram a solidariedade de uma comunidade paradoxal, mas politicamente ativa, de corpos torturados e encarcerados. (RIBEIRO & VECCHI *In*: VIEIRA, 2015, p. 20).

Em *A cidade e a infância*, livro de contos publicado em 1957, quando Angola era ainda colônia portuguesa, Luandino Vieira já havia iniciado tal projeto. Nessa obra, o autor pretende desvelar Angola, sobretudo, a cidade de Luanda, os bairros periféricos e os seus habitantes. Em geral, suas personagens retratam seres humanos situados fora da ordem, os quais vivenciam a margem, ou revelam ainda pessoas comuns, trabalhadores que sobrevivem na e da periferia de Luanda. Logo, a cidade se torna uma referência à Luanda, como um espaço privilegiado na literatura de Luandino Vieira, o qual remete à infância, cuja experiência histórica foi cunhada pelo domínio colonial português e pela segregação de espaços, a exemplo do conto “A fronteira de asfalto”, em que a personagem “virou os olhos para o seu mundo. Do outro lado da rua asfaltada não havia passeio. Nem árvores de flores violeta. A terra era vermelha. Piteiras. Casas de pau-a-pique à sombra das mulembas.” (VIEIRA, 2007, p. 40). Esse conto narra a amizade de duas crianças, tempo em que elas ainda não tinham a consciência da presença de espaços discriminatórios em Luanda, mas interagem com encontros afetuosos e na construção de amizades que abrigavam as diferenças na infância.

Portanto, como já mencionado, a cidade é o espaço por excelência em narrativas

de Luandino Vieira por ser um símbolo da modernidade e o espaço da vida pública, da escola, das relações pessoais, bem como de conflitos e confrontos existentes por força do processo de colonização. Na narrativa “Encontro de acaso”, uma personagem lamenta as mudanças ocorridas na cidade de Luanda porque trouxeram com elas a opressão, o preconceito e as diferenças sociais:

Um encontro de acaso!

Como são dolorosas as recordações! Oh, quem me dera outra vez mergulhar o copo na água suja e ter a alma limpa como nos tempos em que ele, eu, o Mimi, o Fernando Silva, o João Maluco, o Margaret e tantos outros éramos os reis da Grande Floresta.

Mas tudo se modificou e só a ferida feita pela memória persiste ainda.

[...] Fomos crescendo.

A vida separou-nos. Cada um com a sua cela nesta imensa prisão. Não éramos mais os cavalheiros da Grande Floresta. (VIEIRA, 2007, p. 12).

A recordação dos tempos da infância dessas personagens sugere um exercício de contextualização da fragmentação identitária dos habitantes de Luanda, conseqüentemente, esse rememorar clama pelo despertar para uma consciência nacional. No conto “O despertar”, a liberdade da infância nos musseques contrasta com as diferenças de “agora” como diz a personagem: “De pequeno, sonhos de brinquedo a brincarem no coração, pasta a tiracolo, a escola. Depois o Liceu. Momentos de alegria. Mas com o Tempo veio o conhecimento dos factos e dos homens.” (VIEIRA, 2007, p. 20). Já em “O nascer do sol”, vislumbra-se a esperança de que o passado, feliz, possa ser ainda revivido, sobretudo, com a recuperação de traços da tradição oral, como as rimas relativas a brincadeiras de criança:

Era o tempo da paz e do silêncio entre cubatas à sombra de mulembas.

Pelo caminho da areia, por detrás da fábrica do gelo, passando pelo sapateiro da esquina

Sapateiro remendeiro

Come as tripas do carneiro...

[...]

Depois nos recreios havia desafios de futebol e jogo do eixo

Três

Maria Inês

Um pulinho prò chinês

Outro prò landês! (VIEIRA, 2007, p. 29-30).

Esse registro próprio da linguagem popular, evidenciado pelas canções infantis, afirma o cuidado de Luandino Vieira em colher elementos da tradição oral para narrar as suas estórias. O narrador dá voz ao povo angolano, o qual sofre por presenciar uma mudança brutal em sua cidade. No conto que nomeia o livro, “A Cidade e a Infância”,

destacam-se as transformações ocorridas em Luanda, que marcam as diferenças étnicas ou raciais, porém, nas brincadeiras infantis, a alegria e a liberdade de ser angolano permeiam o desejo de construção de uma identidade plural:

_ Zito, Zito, o zizica, o zizica!

Cá fora ouvia-se o ruído dum automóvel, um Chevrolet antigo, descapotável, que ao passar fazia

Zizizizizizi (VIEIRA, 2007, p. 48).

[...] Aquele velho carro a que eles chamavam o zizica.

A rua era de areia vermelha. Poucas casas novas. Apenas o edifício do Lima, loja e padaria. Depois de uma casa de pau-a-pique com telhado de zinco onde morava a Talamanca, aquela mulata maluca que fazia as brincadeiras da miudagem com pedradas e asneiras, quando eles lhe saíam à frente puxando pelas saias e gritando

Talamanca talamancaéééééééééé

E às vezes passava também aquele negro velhinho, o Velho Congo. E os pequenos negros, mulatos e brancos, calções rotos e sujos, corriam-nos à pedrada, e depois fugiam para a casa gritando

Velo congo uáricooooongooo

Morava também o senhor Albano, velho marinheiro de barcos de cabotagem com a família e a branca Albertina que dava farra todas as noites. (VIEIRA, 2007, p. 48).

Portanto, conclui-se que o processo de criação do autor privilegia a oralidade como forma de enaltecer a cultura africana e de cunhar uma escrita de resistência ao cânone europeu. A escritura e a trajetória de vida de Luandino Vieira são marcadas por seu posicionamento político, ideológico e utópico. E, embora tenha sido encarcerado no início da luta armada, quis a revolução, participou dela com a sua escrita, denotando um olhar crítico para o passado. Luandino Vieira buscou ouvir a voz do oprimido através das ruínas da história, conforme Walter Benjamin, pois “o sujeito do conhecimento histórico é a própria classe combatente e oprimida (BENJAMIN, 1994, p. 228).

Na poética de Luandino Vieira, posicionamentos políticos e conflitos sociais se apresentam como forma de denúncia e, ao mesmo tempo, de resistência ao colonialismo ou às consequências dele decorrentes, as quais resultaram em preconceitos e estigmas impostos ao sujeito angolano assim como aos povos da África. Neste sentido, na ficção do autor, a revisão crítica da História vem desconstruir estereótipos criados pelo domínio português, além de abrir espaços para a configuração de uma consciência nacional, constituída através de elementos como a valorização da memória, o resgate da tradição oral, a recuperação de mitos e a ancestralidade. Assim, a reconfiguração do corpo e da pátria não de confluem em movimentos de resistência aos valores instituídos pelos europeus, ao preconceito, ao racismo, indo sempre ao encontro da valorização da cultura africana, a exemplo do trabalho estético do autor com a linguagem, cujas inovações promovem a

subversão do padrão culto da Língua Portuguesa, afinal, o código utilizado e adequado ao seu texto é constituído da interpenetração de duas línguas, como o quimbundo e o português. Por isso, no processo criativo de Luandino Vieira, a luta constante pela liberdade de ser e de viver Angola é evidenciada através de narradores e personagens que emergem do povo, dos musseques de Luanda, os quais ganham voz para falar de si, do cotidiano, bem como das questões políticas e sociais de seu país.

REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampaté. “A tradição viva”. In: *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2ª. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Luandino quebra seu silêncio”. Entrevista a Eduardo Simões. São Paulo, 14 nov 2007. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1411200708.htm> > Acesso em: 01.07.2017.

KI-ZERBO, Joseph. *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. – 2ª. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

MAZRUI, Ali A., “Introdução”. In: *História Geral da África, Volume VIII, Capítulo 1*, 2ª. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1988.

RIBEIRO, Margarida Calafate & VECCHI, Roberto. Prefácio. In: VIEIRA, José Luandino. *Papéis da Prisão: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*. Lisboa: Editorial Caminho, 2015.

VIEIRA, José Luandino. *Papéis da Prisão: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*. (Org.) Margarida Calafate Ribeiro; Mônica V. Silva e Roberto Vecchi. Lisboa: Editorial Caminho, 2015.

_____. *A cidade e a infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 121, 123

Antiguidade clássica 147

Antonio Muñoz Molina 88, 98, 99

B

Bertold Brecht 128

C

Clarice Lispector 127

Conto 14, 15, 16, 17, 20, 21, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 97, 103, 104

Coronavírus 28, 30, 42, 43

E

Édouard Glissant 68

Enrique Buenaventura 128, 129, 133, 134

Ensino 7, 8, 9, 10, 11, 13, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 47, 52, 66, 107, 170

Ensino de literatura 28, 29, 33, 34, 36, 38, 40, 41, 42, 66

Ensino remoto 28, 29, 31, 32, 33, 38, 39, 41

Escola pública 28, 29, 41

G

Grécia 9, 147

Gregório de Matos 135, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Guimarães Rosa 54, 151

H

História 1, 2, 3, 15, 23, 24, 25, 31, 40, 42, 55, 62, 68, 69, 72, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 109, 110, 111, 114, 115, 117, 118, 119, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 136, 139, 140, 142, 147, 148, 151, 156, 163, 169

I

Identidade 1, 45, 61, 66, 69, 85, 87, 101, 102, 105, 115, 116, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 139

Imaginário 34, 37, 58, 59, 61, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 76, 77, 78, 81, 84, 86, 139, 147, 151

Interdisciplinaridade 5

J

Jornal 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 32, 61, 76

José Luandino Vieira 100, 101, 102

Julio Cortázar 14, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27

L

Leitor 4, 5, 6, 11, 16, 19, 20, 24, 25, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 47, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 107, 111, 112, 119, 160, 168

Leitura 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 21, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 49, 50, 53, 55, 57, 60, 64, 75, 76, 89, 90, 97, 111, 112, 115, 119, 120, 128, 134, 141, 146, 160, 169

Letramento 1, 4, 5, 9, 10, 13, 14, 34, 36, 42, 47, 50, 66

Linguagem 1, 2, 3, 5, 6, 7, 11, 12, 16, 20, 21, 22, 26, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 46, 47, 48, 53, 65, 75, 93, 95, 101, 104, 105, 107, 112, 115, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 137, 141, 143, 145, 147, 169

Literatura 1, 2, 3, 14, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 81, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 98, 103, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 118, 119, 120, 125, 129, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 154, 156, 157, 169, 170

Literatura comparada 135, 136, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146

Literatura digital 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 58, 59, 62, 64, 65, 66

Literatura eletrônica 45, 49, 62

Literatura infantil 1, 3

Literatura local 107, 109, 118, 119

Literaturas Africanas 100, 101

M

Meio ambiente 14, 16, 21, 22, 24, 25, 65

Memória 53, 80, 82, 86, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 133, 147

Memória oral 88, 89, 90, 94

Metamorfoses 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 25, 149

O

Oralidade 89, 91, 99, 100, 101, 105

P

Pandemia 28, 29, 30, 33, 38, 39, 42, 43

R

Resistência 100, 105, 112

S

Sindo Guimarães 107, 108, 109, 110, 118, 119, 120

T

Teatro político 128

Testemunho oral 88, 93

W

Walter Benjamin 55, 105, 128, 129, 134

Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021

Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021